

O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DE MATTHEW LIPMANN

Rafael de Souza Prestes*

Resumo: O presente artigo tem por finalidade apresentar algumas propostas metodológicas para o ensino de filosofia para crianças. Lipmann é pioneiro nessa proposta. Por isso a abordagem desse artigo está pautada no conceito de comunidade investigativa proposto pelo autor. Desenvolvida com o objetivo de propor a filosofia nas séries iniciais, esse projeto torna-se desafiador. Os conceitos filosóficos são discutidos não mais como uma transmissão de conhecimento. Mas uma construção adquirida pelo diálogo. Assim, o espaço torna-se não apenas de partilha mas de criação de conceitos. Nesse sentido, Lipmann propõe a investigação como forma de aprendizado. Dessa forma, o ensino deve propiciar aos educandos uma mentalidade crítica e reflexiva.

Palavras-chave: Filosofia. Crianças. Comunidade. Investigativa.

Introdução

Quando falamos em filosofia, logo vem a nossa mente a imagem de um pensador que tem ideias “diferentes”. Ou daquele sujeito que está distante, problematizando hipóteses e teorias que ninguém sequer imaginou. Por isso, corre-se o risco desse sujeito ser taxado de um antiquado aos tempos modernos pois utiliza-se de um instrumento quase não mais utilizado em na contemporaneidade: o livro. E essa disciplina, quando questionada às crianças e jovens sobre sua importância, geralmente a resposta é um sorriso irônico e a célebre frase: “Filosofia... pra quê?”. Se o conceito de filosofia geram tantas discussões e debates, o que dizer sobre o ensino de filosofia? É possível ensinar filosofia ou não? Este trabalho tem por objetivo uma breve discussão acerca do ensino de filosofia, bem como sua importância na educação infantil.

O termo *filosofia* tem origem grega. Composta das palavras *philos*, que significa amante, amizade, respeito e *sophia* correspondente a sabedoria, saber, compreendemos o

* Acadêmico do sétimo semestre do curso de filosofia da Faculdade Palotina. E-mail: rafael_prestes2@hotmail.com

significado dessa palavra. A tradição filosófica atribuiu a criação desse termo (filosofia) à Pitágoras de Samos, que viveu no século V a.C.. Para ele, a união desses radicais explicariam o desejo de todo homem em conhecer as coisas, o mundo, a vida, de onde tudo começou, para onde tudo vai, etc. Na Grécia antiga, os detentores e amantes plenos do saber eram somente aos deuses do Olimpo. Porém, aqueles que almejavam apoderar-se de parte desses saberes eram chamados de filósofos. Diante disso, a pergunta a ser respondida é a seguinte: o que é filosofia? Quais saberes ela trata?

Por vezes, não se compreende qual é o objetivo da filosofia. Parece que estudar é estudar sobre qualquer coisa significa filosofar. Isso acontece porque não existe um objeto de estudos específico. Segundo Desidério:

A filosofia distingue-se de disciplinas como a história ou a física por apresentar poucos resultados consensuais: a maioria dos problemas centrais da filosofia continua em aberto. Não há respostas amplamente consensuais sobre se temos ou não livre-arbítrio, se Deus existe, quais são os fundamentos da ética, ou sobre a natureza da arte. Isto contrasta com a história, a biologia ou a física; nestas disciplinas há muitíssimos resultados amplamente consensuais” (MURCHO, 2008, p. 80).

Conforme dito, a filosofia distingue-se das demais disciplinas. Diferentemente da matemática e da química, as reflexões filosóficas estão vinculadas ao pensamento humano. Dessa forma, o objeto de estudos não é algo paupável, sensível ao sujeito. Todas as dimensões do pensamento, ou seja, problemas que parecem nunca encontrar soluções. Para alguns filósofos, há liberdade, para outros vive-se necessariamente determinado. Não existe um consenso de ideias que se sobrepõe umas às outras. Algumas teses opõe-se de forma radical e contrária. Porém, isso não desqualifica ou desmerece tais saberes. Pelo contrário, faz-se ainda mais necessários e importante para o crescimento e desenvolvimento intelectual de cada ser.

Além disso, a filosofia é definida como uma atividade de criar conceitos. Como Deleuze e Guattari afirmam:

A filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos /.../ O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 10).

Para Deleuze e Guattari, a filosofia é uma atividade do pensamento. Atividade esta que cria conceitos. Porém, esse exercício de criação não surge de maneira espontânea. Ocorre de duas maneiras: filosofia como ato de pensamento e como aquela que produz conceitos.

Explica-se isso pelo fato que o pensamento é essencialmente criativo. Podendo ser de três maneiras essa produção: a arte, a ciência e a filosofia. Não obstante, essas três formas de produzir conceitos não é a única maneira de filosofar.

A partir do exercício de filosofar, ou seja, a partir de problemas deve-se procurar soluções, teorias, argumentos sobre tal. De fato, objetiva-se romper com a barreira do senso comum. Mas na educação, como fazer isso?

Um dos maiores problemas na educação básica no Brasil está vinculado a “preguiça de pensar” dos alunos. Para melhor entender, basta analisar os currículos escolares de ensino básico. Todas as disciplinas estão como que engavetadas, isto é, cada uma com o seu saber específica. E a criança e o jovem tem que acessar essa gaveta cada vez que a disciplina muda. Essa divisão de saberes para o contexto organizacional e curricular é fantástico, mas nem sempre é positivo. Explica-se pelo fato de que a criança não tem compreensão do todo das disciplinas. É visto em partes. Assim, seu senso de interdisciplinaridade é muito pouco exercitado, resultando em simples decorar as fórmulas e expressões passadas no quadro pelo professor. Não existe, portanto, a busca pelo conhecimento autonomo, crítico e reflexivo por parte da criança. Não existe vinculação alguma dos conteúdos trabalhos em sala de aula com a realidade vivida dos educandos. Para isso é preciso aprofundar o conceito de Educação.

1 Educação como um diálogo humano e transformador

Para melhor refletir acerca da educação, nada melhor que retornar aos clássicos gregos. Platão, através de seus escritos, ensina-nos algumas formas de acesso ao conhecimento. Pelo método da maiêutica proposto por Sócrates (ou seja, o ‘parir ideias’ através do diálogo), ele afirma ser a maneira ideal de se chegar ao conhecimento das coisas. Dessa forma, Platão demonstra a primeira pedagogia de ensino. Ele salienta em seus escritos a importância do diálogo de Sócrates com outros filósofos em suas obras. Tanto que seus escritos são escritos na estrutura de conversa, debate e diálogos. Portanto, a filosofia acessa ao conhecimento através do diálogo. Fato demonstrado desde a era clássica. Mas na atualidade, diante de tantos problemas filosóficos e em uma realidade acadêmica divergente, podemos afirmar que a educação está pautada no diálogo?

Para entender a resposta dessa pergunta, precisamos analisar quais metodologias foram utilizadas no processo educacional no decorrer da história. Num sentido mais abrangente e universal da educação, definida por pensadores deste assunto, temos um processo que

acontece através da relação ensino-aprendizagem. Contudo, sabemos que o processo educativo é bem mais amplo do que esta simples definição. Todavia, educar é um processo de socialização, onde deve ser exercida nos diversos espaços de convívio social de nosso cotidiano. Sua função é a adequação do indivíduo à sociedade. Explica-se através de uma das visões mais conservadoras sobre a educação concebida por alguns estudiosos deste assunto, como o sociólogo Emile Durkheim, que diz:

A ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança determinados números de estados físicos, intelectuais e morais que dele reclamam, por um lado, a sociedade política em seu conjunto, e por outro, o meio específico ao qual está destinado (DURKHEIM, 1973, p.44)

Durkheim afirma que as gerações adultas tem o papel fundamental para desenvolver a criança. Entretanto, hoje temos um novo olhar sobre a educação. Como resposta à escola tradicional, surgiu na França o movimento da escola nova. Tal escola, crítica a todo o sistema educacional proposto, é marcada pelo diálogo. Com o retorno aos fundamentos socráticos, em que o diálogo é praticado. Porém, em uma nova perspectiva: uma educação voltada para a transformação social e o processo de humanização. Nesse sentido, a escola deve ser um espaço de criação de conceitos, livre de qualquer tipo de opressão ou preconceito. Como afirma Gadotti:

Os teóricos da escola nova consolidaram suas posições antiautoritárias, opondo-se à escola tradicional sustentada por uma concepção da educação centrada na autoridade do professor. Os chamados, escola novistas buscavam construir relações democráticas numa escola livre, criadora, espontânea, sem medo da liberdade (GADOTTI, 1995, p.13).

Gadotti propõe algo inovador e desafiador. Através dessa nova perspectiva de ensino, ao qual o diálogo é a base para a construção do conhecimento voltada para a transformação social, iniciaram-se novas pesquisas sobre a educação. São elas a teoria dialógica e a psicologia da educação. No campo psicológico, entende-se que a criança não é uma “miniatura de adulto” (GADOTTI, 1995, p.13). Mas que existem características e necessidades especiais para cada fase de seu desenvolvimento. Não obstante, é na filosofia da educação que percebemos relevantes observações para a educação. Com esse evento, abriram campos de sentido fenomenológico, tais como de Martin Buber (1878-1923) e George Gusdorf (1912). Todos salientam o valor da relação cordial com o outro. Dentro da sala de

aula, essa relação também deve ser praticada, extinguindo a visão do professor autoritário e sem sentimentos. O diálogo é a melhor forma para isso.

No entanto, existem teóricos da educação mais recentes que salientam essa relação professor-aluno. Porém, ultrapassam a visão dialógica da educação. Tal expoente é Paulo Freire (1921). Ele inova toda a educação, pois sua proposta tem caráter eminentemente político ao diálogo. Assim, o diálogo dos oprimidos com uma consciência crítica e revolucionária contra seus opressores resultará na superação de seus conflitos. Por isso Gadotti afirma que:

Em Paulo Freire o diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas – o saber – mas um encontro que se realiza na práxis – ação + reflexão -, no engajamento, no compromisso com a transformação social. Dialogar não é trocar ideias. O diálogo que não leva ação transformadora é puro verbalismo (GADOTTI, 1995, p.15)

Dessa forma, não deve existir em uma sala de aula apenas a relação dialógica professor-aluno, mas também com a sociedade. Toda e qualquer discussão realizada deve modificar a sociedade e o contexto em que o educando vive. Esse diálogo deve transformar a realidade existente, pois todos estão inseridos em uma sociedade. Assim, o processo de humanização acontece como parte desse processo. Para que isso ocorra, é necessário um grande grupo. Freire concorda com Marx quando afirma que a transformação social deve ser revolucionária. Independentemente das consequências, esse diálogo deve gerar força aos oprimidos.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire ressalta a importância do diálogo. Para ele, ensinar não é a simples transferência de informações desconectadas da realidade mais uma forma de produção. Para Freire:

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção. [...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e se reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma o seu formador. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 2004, p.23).

Assim, ensinar não é transferir conhecimento. É um processo de construção. Por isso a educação não deve ser do tipo bancária, ou seja, o professor deposita seu conhecimento nos alunos. Podemos refletir acerca do ensino de filosofia: existe algum método para filosofar com crianças? Obviamente Freire e os demais teóricos da não visavam a ensino de filosofia. Eles pensam a educação como um todo. Porém esse trabalho visa à filosofia com crianças. Por

isso, como ensinar as crianças a filosofar? A resposta dessa pergunta visará o Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman.

2 Matthew Lipman e sua proposta de ensino

O pioneiro nessa proposta do ensino de filosofia para crianças foi o educador e filósofo norte-americano Matthew Lipman. Preocupado com o raciocínio dos alunos, acabou elaborando o Programa de “filosofia para crianças” que tem por base dar novo sentido aos conceitos de educação, filosofia e criança.

A partir das experiências escolares de Lipman em suas aulas ministradas, ele propusera esse programa. Para desenvolver essa metodologia, ele criou a chamada pedagogia da comunidade investigativa. Essa pedagogia valoriza a participação e interação de cada educando. Assim, ele afirma que essa comunidade tem por objetivo:

A dividirem opiniões, com respeito, desenvolverem questões a partir das ideias de outros, desafiarem entre si para fornecerem opiniões até então não apoiadas, auxiliarem uns aos outros ao fazer inferências daquilo que foi afirmado e buscar identificar as suposições de cada um (LIPMAN, 1995, p.31).

Como dito, o autor propõe uma nova metodologia de ensino. O diálogo deve confrontar ideias e opiniões. Diferente das aulas tradicionais que a maioria dos professores estão acostumados a lecionar, Lipman quer romper com esses paradigmas. A pedagogia investigativa e dialógica para a filosofia significa pensar bem, ou seja, com a participação ativa de crianças e professores resultando no pensar crítico, criativo, ético e político. Dessa forma, o diálogo investigativo deve desencadear a prática do questionamento. Problematicar é fundamental aos alunos, para que reúnam condições de compreender e relacionar a quantidade de informações que lhes chegam. Sobre elas, tomar decisões, são necessárias em todos os níveis de seu cotidiano. Por isso a proposta de ensinar filosofia para crianças é colocada como uma maneira de olhar para a educação buscando novos horizontes. Essa prática formará um aluno reflexivo e autônomo. Mas a questão a debater é a seguinte: como fazer as crianças a pensar de tal modo?

Para responder tal questão, Lipman propõe a filosofia para crianças com uma perspectiva da lógica formal. O programa ‘filosofia para crianças’ do autor tem como objetivo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, por intermédio de temas filosóficos. Em uma

linguagem acessível na infância; portanto, o mesmo vê nas histórias o ponto de partida para iniciar a criança

No mundo da Filosofia, conforme assevera o autor: As histórias para as crianças são mercadorias preciosas – bens espirituais. Constituem a espécie de bens de que não despojamos ninguém ao torná-los nossos. As crianças adoram os personagens de ficção das histórias que leem: apropriam-se deles como amigos – como companheiros semi-imaginários. Dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionamos-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar (LIPMAN, 2002, p. 62).

Por meio das novelas filosóficas, aos quais são constituídas de pequenos contos, histórias, fatos e problemas do cotidiano, é que o autor busca desenvolver o pensamento crítico nas crianças. A partir disso, sua capacidade de argumentação e oratória é desenvolvida. Obviamente, esse processo é demasiadamente longo. Para que o filosofar crítico e reflexivo sejam desenvolvidos de forma coerente e sensata, pode-se levar todo o ensino fundamental. Todavia, a função da filosofia é aquela que:

Contribui para se manter aberta sempre a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos [...]. A filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente (KOHAN, 2000, p. 189).

Falar no ensino de filosofia é, portanto, falar sobre lutas e conflitos, mudança social, cultural, mudança de visão de mundo, de paradigmas. Por isso que o ensino da filosofia requer abertura ao novo, ou seja, à experiência vivida por outros, sempre tendo como base uma tradição de pensamentos filosóficos. Já o caminho da mudança pela educação filosófica consolida-se na relação íntima entre saber, poder, cultura e transformação, isto é, passa pela emancipação do indivíduo.

Buscar um ensino filosófico, condizente com a idade, dentro das experiências de cada um, aberto ao questionamento, a angústia, ao novo, é querer uma filosofia viva. Um ensino filosófico que questione as certezas, o instituído, que capacite indivíduos para a reflexão e para as diversas leituras e posicionamentos tomados diante dos fatos. Assim, este indivíduo estará instrumentalizado para a crítica e para a ampliação do seu universo experiencial e sua visão de mundo. Diante disso, é que se torna muito importante fazer filosofia com crianças e jovens.

Acredita-se que o papel da filosofia nas séries iniciais não tem por objetivo imediato analisar e resolver problemas históricos da filosofia, mas sim o de criar uma predisposição e

uma atitude favorável ao exercício filosófico, exercitando o pensamento crítico e dialógico das crianças e dos professores.

Pensando assim, é impossível desvincular a filosofia do filosofar, assim como é impossível desvincular a filosofia de nossas vidas. Porém, o estudo da filosofia na escola não tem a intenção de determinar a direção da formação dos alunos, mas a de permitir-lhes a liberdade de poderem construir-se a si mesmos. O maior desafio da proposta de Lipman é o de como desencadear no aluno à vontade, a motivação para uma educação para o “pensar”, em que o questionamento e o diálogo sejam à base do conhecimento. Por isso que:

Mediante o trabalho com o conteúdo, pudessem ser trabalhadas as habilidades cognitivas necessárias ao desenvolvimento dos alunos. O programa propiciava o acontecer do conhecimento nas crianças e jovens porque os fazia trabalhar com as ideias de forma cooperativa, isto é dialógica (LIPMAN, 1995, p. 32).

A proposta “filosofia para crianças” se coloca como uma chance de olhar para a educação buscando novos horizontes. Respalado em Lipman, Malacarne afirma que:

Pensar na inserção da Filosofia na escola fundamental é estar disposto a olhar para as crianças, vendo nelas não adultos em miniaturas, mas crianças que são capazes de quando valorizadas, refletir com vistas a ter ideias próprias, o que é melhor, com grau de compreensão suficiente (MALACARNE, 2005, p. 63).

Complementando o autor, pode-se dizer que a valorização do aluno oportuniza-o à prática de dialogar, de ouvir o outro, enfim, de filosofar. Em síntese, a filosofia para crianças é um programa de Educação para “o pensar” que busca desenvolver no âmbito da sala de aula desde a infância, condições ou instrumentos do pensamento, denominado habilidades cognitivas, por intermédio do diálogo investigativo. Tudo isso para alcançar o que Lipman chama pensar bem. Porém, não somente pensar bem sobre o conhecimento científico, mas, também, construir significados culturais avaliando-os, em vez de apenas recebê-los.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Edição34, 1992.

DURKHEIM, Emile. (1973). **Educación y Sociología**. Buenos Aires, Editorial Shapire.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1995. 333 p.

KOHAN, W. O.; LEAL, B.; RIBEIRO, A. (orgs.). **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LIPMAN, M; SHARP, A. M.t; OSCANYAN, F, S. **A filosofia na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1997. 256 p.

LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1990. 252 p.

LIPMAN, M. **Natasha**: diálogos vygotskianos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.

LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MALACARNE, V. **Formação dos professores e o espaço da filosofia**. São Paulo, 2005. Texto de Qualificação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Mimeo.

MURCHO, D. **A natureza da filosofia e o seu ensino**. Educ. e Filos., Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 79-99, jul./dez. 2008.

SILVEIRA, Renê. **A filosofia vai à escola?** contribuição para a crítica do programa de filosofia para crianças de Matthew Lipman. Campinas: Autores Associados, 2001. 238 p. (Educação contemporânea). ISBN 85-7496-021-7.